

Amor incondicional

Naiara e Janaína são mães do Gabriel, 9, e Guilherme, 10. O processo de adoção dos dois foi iniciado por Janaína, quando ela estava em outro relacionamento. Após a separação, a ex-companheira optou por tirar o nome da ação, mas, para ela, desistir não era mais uma alternativa. Após quatro longos anos de espera, os meninos, finalmente, chegaram e começaram a se adaptar à nova realidade. Janaína passava pelo mesmo processo, tentando se conhecer como mãe solteira. Foi aí que ela conheceu Naiara.

“Quando a gente começou a namorar, foi tudo muito intenso, muito rápido. Tinha uma pessoa de que estava gostando, começando a namorar e, ao mesmo tempo, duas crianças que estavam no processo de chegar num lugar novo. No início, entrei na vida deles como tia. Não imaginava que, no meio do nosso caminho, me tornaria mãe. Isso, para mim, foi muito lindo, muito intenso”, conta a fotógrafa Naiara Demarco, 31.

Para ela, o sonho de ser mãe sempre existiu, só não imaginava que a realização viria de forma tão rápida e genuína. Independentemente do longo processo burocrático que a companheira tinha enfrentado sozinha, Naiara participou da adaptação das crianças, o que fez com que a vida em família se iniciasse



Naiara e Janaína adotaram Gabriel e Guilherme: vínculo inquebrável e amor incondicional

antes mesmo de ela perceber. Gabriel e Guilherme, que antes a tinham como tia, passaram a chamá-la de ‘mamãe’ naturalmente.

“Ser mãe é se doar e se entregar com tudo o que você tem de melhor e pior. Acho que é um amor incondicional por isso. A gente não ama porque a pessoa é isso ou aquilo, a gente ama a pessoa apesar do que ela nos mostra nos momentos de fragilidade

ou raiva”, afirma Naiara.

A esposa, Janaína Fernandes, 37, alegre-se ao dizer que a maternidade é algo que ultrapassa a própria vida. “É cansativo, é exaustivo, mas, se tomada num conjunto, pode ser encarada como um investimento. Não para ter um retorno para você mesma, mas ele vai construir outras coisas e continuar a sua história de alguma forma”, reflete.

Quem é o pai da relação? A resposta é ninguém!

A psicóloga Paloma Silva Galvão explica que a dinâmica familiar homoafetiva, muitas vezes, é questionada, mas está muito mais vinculada ao desempenho de funções. “Alguns papéis são mais associados à mãe; outros, ao pai; Mas isso vai depender muito da forma como aquela família se adapta e se vê nesses papéis. No caso de duas mães, se uma se identifica mais com a tarefa de dar banho, trocar a fralda, dar comida, e a outra desempenha outros papéis, é porque elas se identificaram com essas funções, independentemente de ser homem ou mulher.”

A profissional ressalta a importância de essas famílias buscarem se fortalecer psicologicamente, uma vez que o preconceito, infelizmente, existe. “A população LGBTQIA+ está exposta e vulnerável diariamente. Por isso, é preciso arranjar meios de se proteger dessas violências diárias que eles sofrem em vários níveis”, cita Paloma, que sugere algumas formas de encorajamento individual e coletivo: “Procurar terapias com psicólogos que sejam sensíveis à temática de gênero e sexualidade, unir-se, ter uma rede de apoio para desabafar e criar laços com pessoas confiáveis”.